

**A NATUREZA DO SIGNIFICADO NO MOMENTO CLÍNICO:
AFETIVIDADE NA RESPOSTA DO ANALISTA COMO INSTRUMENTO PARA DESCOBRIR O SIGNIFICADO DO PACIENTE**

Charles Hanly*, Canadá

O autor discute sob vários ângulos, lingüístico, filosófico e psicanalítico, a questão da busca do significado. Através de um caso clínico demonstra que o significado e a casualidade se encontram ligados na vida psíquica. Assim, a busca do significado no momento analítico é uma buscadada causas. O determinismo psíquico é o que fundamenta o significado na psicanálise. Além disso, exemplifica que, se buscamos afetar a uma pessoa ou situação, temos que permitir que a pessoa ou situação afetem a nós mesmos. No momento analítico o significado surge através da expressão afetiva e verbal de interações causais.

A discussão psicanalítica contemporânea questiona se com respeito ao significado. O significado é construído (Viderman, 1970) ou descoberto (Arlow, 1959) no processo psicanalítico? O significado é compatível com a causalidade? Quando entendemos o significado de um sintoma, elaboramos um relato sobre sua origem ou descobrimos sua explicação causal? Pode a psicanálise revelar objetivamente o significado subjetivo da vida de um paciente?

Igualmente, a filosofia lingüística se questiona com respeito ao significado. Sem subscrevermo nos à opinião de que a análise lingüística pode resolver problemas filosóficos, podemos utilizar seus métodos para examinar o significado lingüístico de palavras cruciais tais como "significado". Tal exame faz a pergunta de por que alguns analistas basearam seu pensamento em somente uma pequena faixa da grande complexidade de significado que a linguagem unifica através do uso da palavra "significado".

O "significado" tem vários significados. Um deles é o significado lingüístico. Por exemplo, "erro psicológico" significa "um ato falho inconscientemente motivado", ou "solteiro" significa "homem adulto não casado". As palavras têm significados que podem ser comunicados mediante sinônimos. Mas a palavra "significado" tem outros usos. Um deles é o significado afetivo. Pode se dizer, por exemplo, que um artefato, um relógio de pulso, uma pintura, uma fotografia, um móvel, mesmo quando carentes de grande valor em si mesmos, têm muito significado para seu proprietário porque são presentes de uma mãe ou um pai morto. Seus significados encontram-se nas associações carregadas de afeto que incitam no seu proprietário. De maneira similar, a lembrança da avó ou um avô terá significado especial para uma pessoa se a fidelidade do seu amor e cuidado serviu de proteção contra algo do trauma causado por pais negligentes. O mesmo pode se dizer de uma identificação com um objeto perdido. A palavra "significado" varia de sentido quando é usada por um paciente que diz que a sua vida deixou de ter significado. Neste caso, "significado" significa "propósito", "valor", "satisfação". Varia também o significado de "significa" quando um paciente pergunta zangado, "O que significa isso de me cobrar pela sessão à qual faltei ontem?" Neste contexto, "significa" significa "Que razão legítima pode você ter para me cobrar?" Aqui "significa" significa "razão". Dizem que para um marinheiro ou um agricultor, um céu avermelhado ao anoitecer significa que no dia seguinte fará um bom tempo. "Significa" significa então "sinal", "sintoma", "agouro", "indício". Um acontecimento natural está sendo associado a outro sem que tal associação implique que o primeiro é a causa do segundo. De maneira parecida, um paciente angustiado pode perguntar: "Será que minha impotência com mulheres significa que sou homossexual?". Ou um mecânico pode dizer que "o jeito do motor funcionar significa que o distribuidor não está funcionando bem". O analista pode interpretar: "Sua necessidade de se gabar sobre seu trabalho significa que você duvida de sua capacidade de ter êxito no trabalho". Nestas instâncias, "significa" significa "é um sinal de", "está associado a" ou "é causado por". Finalmente, o "significado" tem um significado lógico. A palavra "significado" se utiliza para indicar uma inferência ou implicação. Quando perguntamos, "O que significa o fato de que a palavra 'significado' tem outros significados (usos) diferentes?", estamos perguntando: "O que pode ser deduzido a partir destes fatos?". Provavelmente existem ainda outros significados de "significado", mas estes terão que nos satisfazer por enquanto.

Por que a linguagem unifica estes fenômenos aparentemente diferentes? Acaso é porque, como Freud (1921, p. 111) disse da palavra "amor", o uso lingüístico permanece fiel a certo tipo de realidade? Postulo, de fato, que estes significados ou usos do "significado" estão interligados e que, portanto, são inerentes ao "momento clínico", principalmente, não como uma unidade de tempo, mas como uma seqüência independente que pode ser discernida e que possui seu próprio desenvolvimento do princípio ao fim, dentro de um processo analítico causalmente ligado a acontecimentos primitivos da vida de uma pessoa.

Durante um fim de semana, o senhor J. tinha se mudado de uma casa alugada, onde vivia num casamento consensual com Marie e dois filhos dela, para uma pensão. Marie tinha insistido na separação por causa dos enfurecimentos do senhor J. que freqüentemente o conduziam a abusá-la verbalmente e ameaçá-la fisicamente. Nessa segunda feira, o senhor J. chegou na sua consulta aflito, exausto e em desordem. Era inverno e fazia um frio tremendo. O senhor J. havia passado uma noite de insônia porque o ar condicionado de seu quarto não funcionava. Fazia muitíssimo frio no seu quarto. Voltou à sua casa em plena noite, tocou a campainha e chamou Marie. Chorou desconsoladamente no carro e ficou bravo, tudo sem resultado. Na suas sessões analíticas seguintes atacou o egoísmo e a crueldade de Marie. Apesar de tudo, era ele que havia encontrado a casa, a tinha alugada e tinha morado nela antes que Marie se mudasse para morar com ele. A casa era, sem dúvida, do senhor J., mas agora Marie morava nela. Também lançou ataques contra a indiferença para com sua saúde e comodidade por parte da dona da pensão. Pensou em conseguir um aquecedor elétrico, mas descartou essa possibilidade dizendo que o aquecedor poderia ocasionar um incêndio e queimá-lo enquanto dormia. Somente queria voltar para Marie e seu lar. A determinação de Marie em forçar a separação, mesmo que ele tenha oferecido deixar para ela a casa, enchia-o de dor, indignação, fúria e frustração. A imagem do senhor J. chorando desconsoladamente no seu carro na frente da porta fechada na sua cara não deixa de inspirar lástima. Mas seus freqüentes ataques de raiva contra Marie e a dona da pensão me lembraram as tentativas de intimidação física que, numa primeira instância, tinha feito com que Marie insistisse na separação. Um dia, numa estação de metrô, tinha se mostrado tão ameaçador e fora de controle que Marie teve medo de ser empurrada sob as rodas de um trem. Mesmo assim, depois de vários dias de tormento, me surpreendeu sua resposta à minha interpretação: "Tão grande é seu desejo", lhe disse, "que eu acredite que Marie e a dona da pensão estão lhe tratando injustamente, que a censure e que lhe ajude, que por toda uma semana você sofreu grande incômodo físico sem fazer nada para ajudar se a si mesmo". O senhor J. respondeu com assombro: "Meu Deus! Eu mesmo desliguei o ar quente na primeira noite que estive lá, fazia muito calor no quarto!".

A recuperação desta lembrança lhe permitiu melhorar o cuidado com sua pessoa e imediatamente colocou em jogo associações que revelaram a origem sádica de seu temor masoquista de utilizar um aquecedor elétrico. O senhor J. havia construído um dormitório para as crianças de Marie no sótão da casa alugada usando fios elétricos de qualidade inferior. E, sem fazer nada a

respeito, pensou que as crianças teriam dificuldade de escapar no caso de incêndio. O senhor J. descobriu seus sentimentos de culpa, ciúmes e hostilidades para com eles. Descobriu, também, sua identificação com eles como crianças desamparadas e em perigo. Seu ato falho com o ar condicionado o colocou na situação das crianças desesperado, nas mãos de uma figura parental perigosa. O ato falho demonstrou ser parte da atuação de memórias traumáticas pertencentes ao seu segundo ano de vida, durante o qual sua mãe deu à luz ao seu irmão. O senhor J. sentiu fortes ciúmes. Tratou, à sua maneira infantil, de castigar e controlar sua mãe, golpeando a, desobedecendo e fazendo manha. A mãe, dona de casa meticulosa e insatisfeita, teve que voltar a trabalhar pouco depois do nascimento do irmão para complementar a renda familiar. E enquanto o recém nascido foi deixado sob o cuidado da avó na sua casa, o senhor J. foi entregue aos cuidados de uns vizinhos que não conhecia. Infeliz, protestou violentamente contra esse arranjo até que entrou numa quietude depressiva, desesperada e precária.

Gostaria de propor que o significado do "significado" num momento clínico psicanalítico, revela uma riqueza que tem muitas facetas e inclui a variedade de fatores que foram examinados minuciosamente por filósofos na busca de uma compreensão da natureza e da gênese do significado.

O significado é lingüístico. O significado depende da linguagem. Assim como a verdade e a falsidade são propriedades de proposições (Tarski, 1944), desse mesmo modo o significado é uma propriedade da linguagem. O significado de uma palavra ou expressão, encontra-se nos contextos nos quais se usa e na maneira na qual se usa em tais contextos. "O significado de uma palavra radica em seu uso na linguagem" (Wittgenstein, 1953, p. 20) ou "saber o que uma expressão significa é saber como pode ou não ser usada" (Ryle, 1966 p. 255). A opinião de Quine (1953) é que o significado tem relação com as formas da linguagem: sinonímia e seqüência significativa. Os significados de "significado" foram assinalados previamente neste ensaio através de uma identificação dos contextos diferentes nos quais se usam a palavra "significado" e seus sinônimos.

Sem dúvida, a linguagem desempenha um papel fundamental na criação do significado na psicanálise clínica. Porém, o conceito de significado na psicanálise não pode limitar-se ao significado lingüístico. O aforismo de Freud para descrever a cura analítica, "onde o id estava, ali o ego estará", pode interpretar-se como "expressar o inexpressável". Conforme ilustrado no exemplo anterior, as lembranças reprimidas continuam exercendo influência sobre as atitudes, os estados de ânimo, os afetos e o comportamento. Mas, uma vez reprimidos, seu significado já não pode ser expressado por meio da linguagem. Nestas circunstâncias, ter acesso ao significado e comunicá-lo requer examinar regressivamente a atuação. O ato falho de meu paciente foi um no qual a repressão da lembrança de haver feito algo haver desligado o ar quente produziu uma abertura através da qual derivados de lembranças ou fantasias inconscientes de querer dominar a uma mulher abusiva e vingativamente, e de haver sido vítima de uma mulher, conseguiram desbordar-se em direção ao comportamento e à definição da realidade. Para o senhor J., Marie e a dona da pensão se converteram em representantes da mãe traumática. Marie e a dona da pensão adquiriram para ele o significado consciente de "mulheres que lhe estavam fazendo mal". Dito significado consciente lhe permitiu manter sua própria fúria com relação às mulheres, da mesma forma que as lembranças que deram lugar a ela, na condição inconsciente (ver Freud, 1924a, 1924b).

O senhor J. podia expressar seu pesar, fúria, indignação e desamparo por ter sido maltratado. Sua própria contribuição às suas dificuldades, porém, permanecia inexpressada e sem reconhecimento. Sua capacidade de utilizar a linguagem como meio de comunicação via-se obstaculizada por uma fantasia que falsificava sua experiência da realidade. A repressão havia desconectado a lembrança do que tinha feito suas tentativas de intimidar fisicamente Marie e ter desligado o ar condicionado da possibilidade de ser expressado verbalmente. Deve-se apreciar cuidadosamente a complexidade deste tipo de experiências que podem falsificar a realidade contemporânea, ao mesmo tempo que podem, de maneira muda, trazer à cena uma verdade com relação a uma realidade anterior. O senhor J. necessitava poder dizer a si mesmo, "eu mesmo desliguei o ar condicionado; a dona da pensão não teve nada a ver com isso", mas não podia dirigir-se a si mesmo desse modo porque nesse caso processos associativos colocaram em jogo as idéias contíguas: "Eu abusei de Marie e a ameacei; e por isso me mandou embora". A capacidade de comunicar a si mesmo o verdadeiro significado ou significado real de um ato próprio no passado, repara o desgarramento da experiência que a pessoa tem de si mesma, dos objetos e do mundo, e permite assumir responsabilidade pelos próprios atos e pelos efeitos que ditos atos tiveram em outro. Ainda quando ocorre que o significado se estende mais além da linguagem, o significado verbal tem um espaço que não pode ser reduzido na psicanálise clínica por sua contribuição na resolução de conflitos psíquicos e na maturidade. (ver Freud, 1915)

Mesmo que o significado lingüístico seja importante para a psicanálise, o significado afetivo tem um lugar não menos proeminente. A vida afetiva dos seres humanos é uma importante fonte de significado no momento clínico. Por vários dias meu paciente viveu num mundo frio, proibitivo e privativo, um mundo saturado de lembranças inconscientes da sua experiência do arranjo com os vizinhos cujo cuidado não podia aceitar. As descrições de Sachs (1993) da ausência de afetividade na experiência de paisagens por parte de pessoas autísticas nos permitem, por um lado, apreciar com gratidão a fecundidade de significado com a qual nossa afetividade enriquece nossa relação com a natureza e, por outro, dar nos conta com tristeza da experiência empobrecida do autista. Um autista inteligente pode observar e conceitualizar a vastidão das montanhas mas não pode experimentar sua majestade e a sua grandeza. Esta comparação com a experiência autística propõe a pergunta da origem e da natureza destes tipos de significados que nossa vida afetiva parece encontrar nas coisas a majestade e a grandeza que encontramos nas montanhas Rockies mas não nas Berkshires, que apresentam, em troca, maior acessibilidade e domesticidade. Locke se referiu a estes significados como qualidades terciárias, e os derivou da subjetividade. Mas me parece que a epistemologia estética de Wollheim (1993) oferece uma perspectiva mais sutil e completa.

Sem dar crédito ao animismo ou cometer a Falácia Patética, Wollheim propôs que existe uma correspondência entre estados psicológicos subjetivos, tais como a melancolia ou a felicidade e certos atributos físicos das paisagens que descobrimos como melancólicas ou felizes. Estas atribuições têm a ver com a projeção e tem nesse respeito uma origem subjetiva. Porém, estas projeções operam com verossimilitude inter-subjetiva, o que significa dizer que devem valer-se de uma afinidade entre elas e os objetos e a natureza. Com relação a isto, então, as projeções são objetivas ou, dito de outro modo, revelam significados latentes pertencentes às configurações das coisas e os fatos na natureza. Estas configurações da natureza, que têm afinidades com estados psicológicos, podem induzir tais estados nos seres humanos.

Mesmo que a natureza apresente ditas afinidades, carece de uma vida psíquica. Como pode o pensamento de Wollheim nos ajudar a entender as origens e a natureza do significado da vida psíquica dos seres humanos? Os significados que informam a experiência que um paciente tem do seu mundo constituem um grupo de significados clinicamente muito importantes. São estes os significados que tratamos de atingir através de identificações empáticas exploratórias (Arlow e Beres, 1974). Durante o período que discuto, meu paciente viveu num mundo deserto, estéril, privativo, ainda mais frio que as afinidades de Toronto em pleno inverno podem justificar. Dizendo de uma forma mais geral, os seres humanos são também parte da natureza. Paciente e analista apresentam um para outro (e vice-versa) afinidade para a projeção. As configurações dos personagens e as vidas das pessoas no viver diário fazem o mesmo. A atribuição de propriedades psíquicas à natureza se vê respaldada na atribuição de

propriedades naturais à nossa vida psíquica. Falamos de emoções tempestuosas, do umbigo de um sonho, de erupções sexuais ou agressivas. Repetidamente, os sonhos usam imagens naturais, que se repetem, para simbolizar desejos e objetos proibidos.

Se agora combinamos a noção de afinidades de Wollheim com a idéia de correlativos objetivos de T. S. Eliot (1919), poderemos unificar a carga afetiva de objetos, (incluindo a projeção na medida em que revela algo do objeto), com a "leitura" dos afetos operantes nos objetos. Eliot pensou que o Hamlet de Shakespeare é imperfeito porque Gertrudis não oferece um correlativo objetivo suficiente para a qualidade e intensidade da emoção de Hamlet. O correlativo objetivo, então, refere-se ao encaixe entre um objeto e a natureza e intensidade dos afetos com os quais vem carregado ou, na terminologia de Wollheim, a afinidade do objeto para a carga afetiva.

A distinção de afinidades ou correlativos objetivos definidos deste modo (vale dizer, o significado e o encaixe do significado, dos estados afetivos em pacientes e analistas), é um aspecto crucial mas difícil do trabalho analítico. Sabemos que a identificação pode dar lugar a um contágio afetivo. A identificação exploratória com o paciente é indispensável para o trabalho analítico. Pode a identificação exploratória operar dentro dos limites da diferenciação entre sujeito e objeto? Gostaria de sugerir que a afetividade na resposta do analista pode ser um instrumento para descobrir o significado dos atos, as motivações e o mundo interno do outro. Porder (1987) ofereceu uma versão da identificação projetiva que concorda com a versão mais geral da apreensão afetiva do significado que estou sugerindo neste ensaio. Um paciente em situação lastimosa induz lástima em seu analista. Se o analista não se mantém auto protegidamente separado e perigosamente fora de contato com a vida afetiva de seus pacientes, não lhe resta outra alternativa que a de produzir uma resposta afetiva. Mas se é que o paciente, em realidade, oferece um correlativo objetivo apropriado para tal resposta é uma pergunta que o analista deve fazer se continuamente.

No meio da semana na qual o ato falho e suas conseqüências ocupavam o centro do processo analítico do senhor J., este chegou ao meu consultório num estado desordenado, acabado e visivelmente triste. Quando ia sentar-me, o senhor J., ao invés de deitar-se no divã, se jogou ao chão soluçando num canto da sala. Balbuciando, fungava e suplicava em tom desesperado e forte. Não pude entender claramente suas palavras, mas me deu a impressão que, entre outras coisas, repetia: "Necessito de grana. Você tem que me dar grana. Por favor, dê-me grana". Senti pena e angústia pensando em como podia ajudar o senhor J. analiticamente e me perguntei se deveria tratar de ajudá-lo, não analiticamente. Preocupava-me um paciente que, ao invés de proceder à livre associação deitado no divã, se movia alvoroçadamente de um lado a outro no meu consultório. Também me preocupava a gravidade de sua regressão, ainda quando esta permitiu uma visão momentânea da criança traumatizada que existia no senhor J. Permaneci parado ao lado da minha mesa observando-o, tentando entender o que dizia, perguntando-me o que poderia dizer-lhe e, logo que a oportunidade surgiu, o convidei a sentar-se numa cadeira se é que não se sentia cômodo usando o divã nesse dia. Depois de um momento, acalmou-se e aceitou meu convite. Falou clara, coerente e repetitivamente de seus infortúnios presentes até o final da hora.

Porém, me senti afetado por certo significado afetivo que agia na apresentação e no comportamento do senhor J. como se algo neles fizesse uma pergunta desarticulada não em relação a seu sofrimento senão à futilidade do mesmo, a sua qualidade Sísifa e sua desproporção. Como se seu sofrimento não fora exagerado, senão que estivera fora do lugar e tempo apropriados, assemelhando-se mais ao sofrimento de uma criança abandonada que ao de um homem rechaçado e frustrado. A este nível de significado afetivo, nível que carece da linguagem, o sofrimento de meu paciente produziu em mim um condicionamento de meu sentimento de lástima, condicionamento que apresentava um enigma persistente e desconcertante relacionado a seu sofrimento um fator "x" desconhecido que convidava a uma maior investigação. Não me refiro aqui a um pensamento intelectual ou a um estado cognitivo. Refiro-me às emoções que fizeram-me permanecer parado junto à minha mesa, que se sentiram satisfeitas com o fato de convidá-lo a sentar-se numa cadeira e a sentir-se mais cômodo. Refiro-me ao eu corporal do analista trabalhando na situação analítica.

Não vivi seu sofrimento como um correlativo objetivo suficiente para uma lástima incondicional. Mais tarde estes sentimentos se reuniram e ativaram minhas lembranças da desvalorização sexual de Marie, das infidelidades e de seu distanciamento afetivo dela, apesar da necessidade de tê-la próxima que ele mesmo sentia. Logo, consegui tirar destas lembranças pensamentos verbalizados com relação à disparidade entre seu sofrimento pelo rechaço de Marie e os sentimentos conflitivos do senhor J. em relação a ela.

Além disso, minha experiência afetiva do sofrimento do senhor J. me converteu (além da minha vontade, conhecimento, controle ou designio em relação tanto aos gestos faciais que eu lhe apresentava como sua resposta a eles) num correlativo objetivo ao qual ele respondia. Existe nos afetos uma sensibilidade e *savoir faire* que lhes permite registrar significados e responder pré-lingüística e pré-conscientemente a eles. Foram estes processos que fizeram-me core que eu mantivesse para o senhor J., enquanto ele soluçava no chão, uma presença paciente suficientemente calma, considerada e interessada, o que implica mais do que manter uma atitude analítica adquirida. Em retrospectiva, diria que algum significado afetivo que o senhor J. sentiu em mim, lhe permitiu desistir de sua tentativa de fazer-me representar seu desejo de encontrarem mim a "boa" mãe que ninguém teve ou a mãe privativa que ele teve um significado parte do qual provavelmente poderia ser formulado da seguinte maneira: "ele não vai me dar o que quero, mas talvez possa me ajudar". Algo semelhante lhe permitiu voltar a si mesmo, o suficiente para voltar ao divã no dia seguinte, e, finalmente, ao autodescobrimento restaurador que levou este momento clínico à sua conclusão.

Dentro do objetivo deste ensaio, não se podem considerar todos os significados do "significado" e as interrogações que se fazem. Para concluir, examinarei duas dessas interrogações, ambas de natureza essencial e polêmica, que se relacionam entre si. Qual é o significado do "significado" ao se perguntar "qual é o significado do esquecimento sintomático do senhor J.?" Tal significado é construído ou descoberto?

O ato falho serviu como uma função defensiva. Criou uma situação de privação e sofrimento que serviu não tanto para reprimir senão para mitigar, isolar e racionalizar retrospectivamente o maltrato de Marie. A necessidade de sofrer dor em lugar de culpa motivou o ato falho, o qual permitiu uma atuação de um trauma infantil. Assim, o significado do ato falho se encontra nas motivações inconscientes que o causaram. Aqui "significado" significa "causa". Intenções e propósitos humanos são causados por necessidades que nos levam a encontrar satisfações e a aliviar a dor através de relações com objetos, coisas ou acontecimentos.

O uso da mesma palavra para referir-se ao sentido de uma frase e à motivação causal do comportamento reúne dois significados do "significado". Se tal reunião abrange algum significado (no sentido lógico), seu significado radica na compatibilidade do significado e a causalidade. Provavelmente, o uso semântico resulta tanto de sinonímias acidentais como de sinonímias significativas. O uso dos artigos definidos masculinos e femininos em francês, por exemplo, às vezes parece ser bastante arbitrário e às vezes parece obedecer certa lógica. O uso da palavra "tijolo" na frase "uma casa de tijolo é uma casa sólida" e na frase "Pedro é um tijolo" está baseado na semelhança significativa. A unificação é realizada pela linguagem através

dos vários usos da palavra "significado" acidental e arbitrária ou significativa? Postulo que o significado e a causalidade não só são compatíveis, senão que estão intrinsecamente conectados.

O significado e a causalidade encontram-se ligados na vida psíquica. A inabilidade do senhor J. de lembrar que ele mesmo havia desligado o ar condicionado pode dar a impressão de não ser nada mais que um erro mnêmico supostamente carente de significado. Porém, tal impressão desaparece assim que vislumbramos o papel desempenhado pelo erro mnêmico ao causar a crença errônea do senhor J., a crença de ser objeto de maltrato. O ato falho possibilitou a formação de tal crença. A crença e o esquecimento foram causados tanto pela sua necessidade de mitigar sua culpa com relação ao maltrato de Marie e de seus filhos, como por sua necessidade de buscar uma satisfação transferencial de seu desejo de uma mãe restaurativa. Destas necessidades, a segunda parece ter sido a dominante, posto que a interpretação no contexto da transferência e a resposta do analista à transferência liberaram a inibição mnêmica: O significado da falha mnêmica é sua causa.

Assim, a busca do significado no momento analítico é uma busca de causas. O determinismo psíquico é o que fundamenta o significado na psicanálise. O ponto de vista oposto, hermenêutico ou existencial, é que o significado se fundamenta na liberdade. Outros preferem um ponto de vista sintético, O artigo de Laplanche (1992), "A Interpretação entre o Determinismo e a Hermenêutica", é um exemplo. Os opositores do determinismo psíquico e aqueles que buscam uma síntese do determinismo psíquico e a liberdade, entendida como vontade sem causa, compartilham dois erros. Primeiro, assumem que o determinismo implica fatalismo, quando se trata do contrário. É somente o conhecimento causal o que nos permite afetar o que sem tal conhecimento seria nosso destino. Segundo, assumem a incompatibilidade entre o determinismo psíquico e a liberdade, quando se trata do contrário. Certos filósofos e psicanalistas postulam que as causas e as razões pertencem a gêneros distintos. Porém, Davidson (1963) demonstrou que tal distinção é insustentável.

Enquanto não podia lembrar sua própria ação, o desligar o ar condicionado, o senhor J. permaneceu sob a influência de uma crença errônea: a de ser objeto de maltrato. Utilizou esta crença no seu afã de reforçar seu desejo de ser resgatado. A maior parte dos pensadores (os existencialistas sartreanos são uma exceção) convergiam em que o esquecimento, a crença de ser objeto de maltrato e o desejo de ser resgatado estão ligados ao determinismo psíquico. Cabe perguntar, porém, se é possível dizer o mesmo a respeito do funcionamento psíquico do senhor J. logo que recobrou a lembrança, quando a crença equivocada de ser objeto de maltrato e o desejo de ser resgatado haviam diminuído. Acaso não é cevo que sua renovada capacidade de adaptar-se à perda de Marie, de cuidar de si mesmo e de trabalhar na sua análise refletem liberdade, sobretudo em comparação à compulsão sob a qual o senhor J. funcionava previamente? É claro que sim. Mas isto não quer dizer que seus atos não são governados pela causalidade. O caráter compelido ou livre de um ato, depende da natureza das causalidades operantes, não de se o ato é causado ou não. É certo que após o momento analítico que examinei, a percepção do senhor J. da dona da pensão seria menos influenciada que durante tal momento, por qualidades que ele havia projetado sobre ela. Também é certo que, após o momento analítico, o senhor J. podia formar percepções mais realistas dela. Mas isto significa que sua percepção dela havia se tornado menos subjetiva menos dominada por fantasias inconscientes e mais objetiva mais determinada pelo que ela é na realidade. O significado da dona da pensão para ele corresponderia mais exatamente ao tipo de pessoa que os outros a consideram e ao tipo de pessoa que ela é na realidade. Por conseguinte, seus atos podiam ser mais realistas, mais efetivos na busca de satisfações e mais determinados por necessidades adultas em lugar de infantis; vale dizer, mais livre dadas as causalidades operantes. O significado não é antitético à causalidade. Nenhuma síntese é necessária para transcender sua oposição. Se buscamos afetar a uma pessoa ou situação, temos que permitir que a pessoa ou situação afetem a nós mesmos. No momento analítico, o significado surge através da expressão afetiva e verbal de interações causais. O significado dessas interações se articula completamente quando conseguimos expressar tais causas por meio de palavras. É precisamente porque se fundamenta em processos causais que o significado pode ser descoberto ao invés de ser construído.

Summary

The nature of the meaning in the clinical moment: analyst's affectivity reply as an instrument to find out the patient's meaning

Based on linguistic, philosophical and psychoanalytical aspects the author discusses the question of searching of the meaning. Through the clinical case is demonstrated that the meaning and the causality are connected in the psychic life. So, the search of the meaning in the analytical moment is a search of the causes. The psychic determinism basically fundamentals the meaning in psychoanalysis. Besides, is illustrated that if we search for affecting a person or situation, we have to permit that the person or situation affect ourselves. In the analytical moment the meaning emerges through the effective and verbal expression of causal interactions.

Referências

- ARLOW, J. (1959). Psychoanalysis as scientific method. In *Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy*, edited by S. Hook, New York: Grove Press, 1960, pp. 201-211.
- ARLOW, J. and BERES, D. (1974). Fantasy and identification in empathy. *Psychoanalytic Quarterly*, 43:26-50.
- DAVIDSON, D. (1963). Actions, reasons and causes. *Journal of Philosophy*, 60: 685-700.
- ELIOT, T. S. (1919). Hamlet and his problems. In *The Sacred Wood*, London: Methuen, 1928, pp. 95-105.
- FREUD, S. (1915). The unconscious. *Standard Edition*, 14:166-215.
- (1921). Group psychology and the analysis of the ego. *Standard Edition*, 18:69-143.
- (1924a). Neurosis and psychosis. *Standard Edition*, 19:149-153.
- (1924b). Loss of reality in neurosis and psychosis. *Standard Edition*, 19:183-187.
- HANLY, C. (1979). *Existentialism and Psychoanalysis*. New York: International Universities Press.
- (1922). *The Problem of Truth in Applied Psychoanalysis*. New York: The Guilford Press.
- LAPLANCHE, J. (1992). Interpretation between determinism and hermeneutics: a restatement of the problem. *International Journal of Psychoanalysis*, 73:429-46.
- QUINE, W.V. (1953). *From a Logical Point of View*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- RYLE, G. (1966). *The theory of meaning*. In *British Philosophy in the Mid Century*, edited by C.A. Mace, London: George Allen and Unwin, pp. 239-264.
- SACKS, O. (1993). *A neurologist's notebook*. New York: 69:106-125.
- TARSKI, A. (1944). The semantic conception of truth. In *Readings in Philosophical Analysis*, edited by H. Feigl and W. Sellars. New York: Appleton Century Crofts, 1949, pp. 52-84.
- VIEDERMAN, S. (1970). *La Construction de L'espace Analytique*. Paris: Denoel.
- WOLLEHEIM, R. (1993). *The Mind and its Depths*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1953). *Philosophical Investigations*. New York: MacMillan.

Charles Hanly

27 Whitney Avenue, Toronto, ONT M4W
2A7 Canada

Tradução de **Sonia Kahl**
Revisão técnica de **Jussara S. Dal Zot**

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação na Revista de Psicanálise SPPA

* Membro da Associação Psicanalítica Canadense.

| [Voltar ao Topo](#) |

| [Voltar ao Sumário](#) |